

JORNAL: DIÁRIO DO COMÉRCIO LOCAL: RIO DE JANEIRO  
(FOLHETIM)

DATA: 29/12/1963 AUTOR: MIRANDA NETTO

TÍTULO: OS MENINOS ARTEIROS DE IVAN SERPA

ASSUNTO: EXPOSIÇÃO INFANTIL NO MAM ALUNOS  
DE IVAN SERPA

Folhetim do «JORNAL DO COMÉRCIO»

DOMINGO, 29 DE DEZEMBRO DE 1963

## OS MENINOS ARTEIROS DE IVAN SERPA

Nossos avós costumavam chamar aos meninos travessos de arteiros. É um brasileiro (hoje quase arcaísmo) dos mais gostosos chamar de "artes" as travessuras dos garotos. Hoje esses pequenos anjos de carne e osso tornaram-se tão evoluídos, tão "atômicos", que as suas aventuras, estilo super-homem, já não se podem chamar artes, senão catástrofes.

Mas há meninos que continuam a fazer artes e artes deliciosas. Por isso mesmo tomo a Décima-Segunda Exposição de Pinturas das Crianças no Museu de Arte Moderna (classe de Ivan Serpa) como assunto para encerrar os folhetins de 1963.

Falarei dessa deliciosa coleção de garatuja coloridas, onde espontaneidade e inocência (coisas que tanta falta estão a fazer na arte) se revelam em sua face mais verdadeira.

Um crítico de arte francês, Pierre Restany, afirmava, recentemente: "desde que os psicanalistas de Quinta Avenida convenceram os seus clientes novaiorquinos a desembaraçar-se dos complexos entregando-se à "action painting", desde que os jovens casais modernos de Issy-les-Molyneux" ficam espiando as garatuja dos seus recém-nascidos para levá-las ao enquadrador, tudo está perdido".

Terá em parte razão Restany. Mas só em parte. Que os loucos extravasem na pintura seus sonhos, que as crianças brinquem à vontade com pincéis e cores! Dessa dupla experiência, tão semelhante do ponto-de-vista biológico, podem lucrar muito,

não só psiquiatras e educadores, senão psicólogos, antropólogos e, ainda, críticos de arte e os próprios artistas.

Recentemente, surgiu a edição de uma série de pinturas e desenhos de paranóicos e esquizofrênicos, com prefácio de Jean Cocteau, que demonstra estar enraizada no fundo do ser, na ponta mais fina desse fundo, por assim dizer, um tipo de expansão da personalidade através do gráfico, que em arte se denomina "expressionismo". Geralmente, os padrinhos dos "ismos" escolhem os nomes ao sabor da fantasia ou do acaso. No caso do "expressionismo" acertaram em pleno, dando uma perfeita definição do sentido psicológico da manifestação estética.

Isto se revela poderosamente na expressão gráfica das crianças. A "arte" (digamos assim) infantil passa por um período abstrato: é o período das garatuja, ligado à "action painting" e do "dripping". Até os 3 anos. Logo depois segue-se um período simbólico de representação, criando cruces, círculos e triângulos, que logo são compostos em "figuras", representativas de alguma coisa existente no mundo sensível que rodeia a criança. Fica estabelecida a primeira correlação entre a forma circular e um rosto ou um tórax, melhor diria céfalo-tórax, pois as figuras infantis assemelham-se muito a insetos. Depois de ter passado pelo período Mark Tobey, o infante entra no período Klee. O terceiro período, que se revela quando a criança adquire um sentido mais vivo da forma e um domínio maior do instrumento (lápis, pincel, pedaço de giz, carvão...), é o que poderemos denominar de "expressionista", em que o menino já exprime, através do consciente ou do subconsciente, alguma coisa da vida interior do objeto representado, pessoa, animal, coisa, de modo muito semelhante ao dos pintores expressionistas. (Estou pensando na correlação entre dois ou três quadros da exposição dos alunos de Serpa e nas deformações de Soutine: é claro que não viso a comparar o imenso pintor com os meninos, penso é no "espírito" que anima as duas manifestações gráficas)

As experiências feitas com o chimpanzé Congo, no Jardim Zoológico de Londres, evidenciam que o antropóide-artista, em seus desenhos e pinturas, passou da fase das garatuja infantis para a de uma certa pintura abstrata, tipo Vedova, sem conseguir chegar à simbolização nem à representação do real. Assim, os macacos são sempre pintores abstratos (Ocorre-me

agora o pensamento malicioso: muitos pintores abstratos também são macacos...), não chegando à segunda fase da pintura infantil, que já demonstra raciocínio humano. Veja-se o livro de Desmond Morris, "The Biology of Art", onde o assunto é exaustivamente tratado.

Como bem acentuou José Roberto Teixeira Leite, na apresentação que escreveu para o catálogo, "são crianças, não são artistas. E nem foi para se transformarem em artistas que ingressaram no MAM: foi para cultivarem a sensibilidade...". E a sensibilidade foi magnificamente cultivada por esse jardineiro cheio de cuidados que é Ivan Serpa. Serpa jamais interfere no desenvolvimento natural do menino. Por isso mesmo vamos encontrar nessa exposição "artistas" de todos os estilos, de todas as maneiras, incluídos os abstratos.

Mas aqui cabe uma explicação. As crianças, depois dos três anos, entram definitivamente no "figurativo" e dele não se afastam. O que parece abstrato, aos olhos já experimentados, diria quase viciados, nos quadros de classificação da pintura, é figurativo para a criança. Tomemos um exemplo: o quadro de Deborah Brandão Matta de Araújo, rápida, agitada: é a estilização de um aspecto floral. Outro, de Beatriz Bessa, é quase uma réplica dos quadros de Allan Davie, o inglês que tirou na Bienal o prêmio do melhor pintor estrangeiro. As mesmas formas, que parecem saídas de um microscópio. Beatriz Bessa, que tem sete anos, como Deborah — é bom fixar a idade, justamente para seguir as fases a que acima me referi — interpreta o seu quadro como "O Fundo do Mar". Pensemos em Rimbaud e no Bateau Ivre, também extrema estilização poética da fantasia de uma criança que viu um desenho com os índios remando e imediatamente transpôs a viagem do barco naufragado em afresco terrível e comovedor. Aqui a abstração (não o abstracionismo), abstração elementar e infantil, ligado a uma forte dose de surrealismo, também presente na criança, deram este resultado. O surrealismo aparece, patente, no quadro de Maria Helena Mac Laren (12 anos), em um quadro feito exclusivamente de olhos. Veja-se a idade, 12 anos. O surrealismo já é na criança uma fase posterior ao expressionismo, quando consciente. Inconscientemente, ele já aparece em Deborah e Beatriz, da mesma forma com que aparece, com todos os rigores de uma técnica e de uma sensibilidade desenvolvidas em Odilon

Redon e em Davie, que seguiram o mesmo caminho dessas duas meninas. Como aparece em Benjamin Eurico Cruz, de que falarei adiante.

Há alguns "quadros" deliciosos: Gérson Vinícius Bouzln Jr. (5 anos) nos representa "um menino que subiu no telhado e veio um mosquito e mordeu o menino". Exemplo perfeito da fase Klee. O mosquito do tamanho do menino, os dois com aspecto de inseto. Cynthia Magluta (6) nos apresenta uma Cantora (?) expressionista, cuja pureza e impacto direto fariam inveja a muito pintor feito. Há soluções espontâneas e perfeitas: Fernando Antônio dos Santos (10 anos) pintou dois vasos contíguos da mesma cor. A massa informe não deixava distinguí-los. Um traço a lapis resolveu o problema. A pesquisa de verdes de Flávio Papi de Moraes (9) é outro exemplo. Ivan Serpa não interfere: deixa que os meninos achem as soluções. Limita-se a guiar o rio tempestuoso e jovem, evitando que saia das margens, mas sem criar diques, esses diques do bonitinho e do certo que certos mestres e principalmente as mães (essas mães que, sem querer, estragam o melhor das "artes" dos bebês) erguem para afogar a espontaneidade e a inocência das crianças.

Citemos alguns excelentes: Dora Maria Mendonça Lima (7), grafismo oriental, Nina Patrícia de Oliveira e Silva (7), expressionismo, Arnaldo Calmont de Andrade, que poderá vir a ser um pintor, Silvia Regina Goldgaber, Renato Albuquerque de Menezes (vaso com flores), Maria Carla Rodrigues Carvalho, com grande senso de composição, e principalmente Benjamin Eurico Cruz Filho, que mistura surrealismo inconsciente e expressionismo, com aquela cara vermelha no centro da composição. Aos seis anos ele tem presentes todas essas qualidades de pureza e inocência a que me referi no início.

Note-se que não se trata de obras de arte mas de "artes" no sentido que acenei ao iniciar este folhetim. Mas "artes" maravilhosas, que mestre Serpa vai regendo com a invisível batuta de bondade, competência e amor, principalmente amor. Serpa, agora, está na fase dos monstros. Ele, que é um anjo. Desses monstros falarei em 1964, Deo Juvante.

MIRANDA NETTO